

# Mulheres no esporte:

Pesquisa sobre equidade de gênero

Agosto/2021

Instituto de Pesquisa  
DataSenado

Secretaria de  
Transparência

SENADO  
FEDERAL



# Mulheres no esporte: Pesquisa sobre equidade de gênero

O Instituto de Pesquisa DataSenado, em parceria com o Observatório da Mulher contra a Violência (OMV), realizou pesquisa qualitativa para ouvir brasileiras que atuam como atletas, paratletas e técnicas desportivas sobre experiências e perspectivas em relação à igualdade de gênero no ambiente esportivo. As entrevistas foram realizadas entre 07 de dezembro de 2019 e 05 de março de 2020.

## Metodologia<sup>1</sup>

Foram realizadas 22 entrevistas em profundidade com atletas de base, alta performance e técnicas desportivas de modalidades olímpicas e paraolímpicas. O levantamento teve por objetivo fomentar o debate parlamentar, assim como a articulação do Poder Legislativo com o Executivo para o estudo de políticas públicas voltadas ao estímulo do esporte feminino no Brasil.

---

<sup>1</sup> A descrição técnica completa da metodologia adotada encontra-se ao final deste relatório.

## Apresentação

Historicamente, a presença das mulheres no esporte esteve restrita a circunstâncias de recreação e lazer. A atuação em modalidades competitivas avançou à medida que a mulher ganhou protagonismo em sociedade. Todavia, é possível afirmar que a equidade de gênero no meio esportivo brasileiro ainda está em processo de construção.

À vista disso, o presente estudo teve por objetivo aprofundar o entendimento sobre a desigualdade de gênero no esporte, identificar as maneiras como ela se manifesta e compreender as implicações desse cenário na evolução das atletas entrevistadas.

Para tanto, foram realizadas 22 entrevistas em profundidade com mulheres que atuam como atletas ou integram equipes de apoio dos seguintes esportes olímpicos: boxe, futebol masculino, handebol, luta olímpica, marcha/atletismo, nado sincronizado, natação, natação paraolímpica, parabadminton, pentatlo moderno, remo, taekwondo, tênis, tiro com arco, vela, vôlei e vôlei de praia.

A opção por entrevistar mulheres que vivenciam o esporte de maneira estreita, em detrimento de especialistas em temas tocados pelo presente estudo, se baseia na ideiação de que a construção de políticas públicas deve contar com a participação do público que dela será alvo. Efetivamente, a experiência de atletas e técnicas desportivas, acumulada ao longo de seus processos de formação, as qualifica para identificar as necessidades das mulheres no esporte.

Dessa maneira, os resultados ora apresentados visam a subsidiar a atuação do Legislativo na construção e aprimoramento de políticas públicas voltadas ao estímulo do esporte feminino no Brasil.

O presente estudo traz uma visão geral do contexto da mulher no esporte, seguida pela percepção das atletas entrevistadas em relação a temas como carreira, vida pessoal e assédio moral e sexual. Por fim, são elencadas propostas de políticas públicas apontadas pelas entrevistadas como pontos de partida para minimizar as barreiras enfrentadas por elas diante da desigualdade de gênero.

## Mulher e esporte– histórico de uma relação

Apesar de o esporte ser um fenômeno que envolve milhares de pessoas no mundo inteiro com grande mobilização mesmo fora dos períodos de competições, a participação das mulheres como atletas de alto rendimento ganhou visibilidade somente a partir das primeiras décadas do século XX.

De maneira geral, a cultura que envolve o esporte está ligada a palavras como força, rivalidade e competição, que integram um campo semântico facilmente associado à masculinidade. O que dificulta, portanto, a expressão feminina no ambiente esportivo.

Certas crenças correntes em épocas passadas também apresentaram papéis limitantes, como a de que a exaustão da mulher em competições poderia levar a uma variedade de comprometimentos de saúde. Inclusive à esterilidade em razão da perda da “força vital”<sup>2</sup>, hipótese desmentida cientificamente ao longo do tempo.

As origens dessa construção cultural, que cria barreiras à participação das mulheres em ambientes esportivos, podem ser encontradas no berço da tradição ocidental. Nos pilares históricos da Grécia Antiga, a figura masculina representava a força advinda do Monte Olimpo. Enquanto às mulheres era reservado o papel de instrumento direto de procriação. Deveriam andar protegidas, cobertas dos pés à cabeça e, por consequência, não podiam participar de competições esportivas para que não se expusessem.

O primeiro registro dos Jogos Olímpicos da Antiguidade data de 776 a.C.. A competição ocorria em honra a Zeus, o principal deus da mitologia grega, e apenas homens podiam participar. As mulheres solteiras tinham a permissão de assistir no intuito de admirar os corpos olímpicos e, com consentimento do pai ou irmãos, escolher um marido<sup>3</sup>. Após casadas, ficavam proibidas de comparecer aos jogos sob pena de morte.

Mulheres chegaram a ser premiadas em categorias como a biga/charrete, todavia a participação era condicionada à propriedade de cavalos. A exemplo, a princesa Kyniska, criadora de cavalos de raça, foi a primeira a ganhar uma medalha de ouro nos Jogos, em 396 a.C. Desempenho que repetiu em 392 a.C.

---

<sup>2</sup> Gregg & Gregg (2017) Women in Sport - Historical Perspectives  
<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/28886817>

<sup>3</sup> Nunes (2019). Women athletes in the Olympic Games.  
[https://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/85350/6/JHSE\\_14\\_3\\_17.pdf](https://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/85350/6/JHSE_14_3_17.pdf)

Os Jogos Olímpicos de Atenas, em 1896, foram os primeiros da Era Moderna e reuniram 245 atletas masculinos de 14 países ocidentais. Na ocasião, ainda não era permitido que atletas femininas atuassem oficialmente.

Na edição seguinte, em Paris (1900)<sup>4</sup>, as mulheres conquistaram espaço para participação, não de forma tranquila, mas ganharam notoriedade a passos lentos. Desafiando aspectos culturais, a mulher rompia com a ideia de fragilidade e descobria que o corpo feminino tem capacidade e força para atuar também no esporte.

Desde então, os Jogos Olímpicos ganham cada vez mais representantes femininas. O percentual de mulheres foi de apenas 9% nos Jogos de Los Angeles de 1932 e chegou a 45% nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, em 2016.

A nadadora Maria Lenk foi a primeira brasileira a competir em Olimpíadas (Los Angeles, 1932). Embora não tenha conquistado medalhas olímpicas, quebrou recordes mundiais e revolucionou o esporte. O desempenho de Lenk foi um marco importante e proporcionou destaque à imagem de uma atleta em competições em um tempo em que a atuação da mulher no esporte se concentrava na assistência às equipes.

As primeiras medalhas femininas do Brasil vieram apenas nos Jogos Olímpicos de Atlanta, em 1996. Quatro brasileiras chegaram à final do vôlei de praia, vencida pela dupla Sandra Pires e Jaqueline Silva sobre Adriana Samuel e Mônica Rodrigues, que ficaram com as medalhas de prata. O basquete feminino, com destaque para nomes como “Magic” Paula, Hortência e Janeth, ganhou a medalha de prata. E o vôlei feminino, com Ana Moser, Márcia Fu, Leila, Fernanda Venturini, entre outras jogadoras, conquistou o bronze.<sup>5</sup>

Desta feita, a participação feminina em ambientes sociais, inclusive os esportivos, enfrenta o ideário historicamente presente em nossa sociedade que reserva às mulheres apenas papéis domésticos, de mãe e esposa<sup>6</sup>. Rompendo tais paradigmas, as mulheres começam a chamar para si a

---

<sup>4</sup> International Olympic Committee (2018) Factsheet women in the olympic movement  
<https://stillmed.olympic.org/media/Document%20Library/OlympicOrg/Factsheets-Reference-Documents/Women-in-the-Olympic-Movement/Factsheet-Women-in-the-Olympic-Movement.pdf>

<sup>5</sup> Participação das mulheres brasileiras nos Jogos Olímpicos  
<http://www.etc.com.br/noticias/esporte/2012/08/a-participacao-das-mulheres-brasileira-nos-jogos-olimpicos>

<sup>6</sup> GOELLNER, S. V. (2005) Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história  
[https://www.researchgate.net/publication/272851627\\_Mulher\\_e\\_esporte\\_no\\_Brasil\\_Entre\\_incentivos\\_e\\_interdicoes\\_elas\\_fazem\\_historia](https://www.researchgate.net/publication/272851627_Mulher_e_esporte_no_Brasil_Entre_incentivos_e_interdicoes_elas_fazem_historia)

atenção e a colocar em debate características tidas como femininas, para ocupar o espaço que lhes cabe também no esporte.

Portanto, as mulheres, ainda nos dias atuais, enfrentam o desafio de buscar espaços em competições esportivas e de combater discursos de inferiorização, que passam pela objetificação do corpo feminino e pela ideiação de que a mulher não é competitiva ou de que ficará masculinizada ao se dedicar a um esporte.

A busca é, portanto, mais do que pela inserção no meio desportivo, mas por uma reconstrução da imagem feminina, ainda hoje muito associada à fragilidade. De maneira que se possa ressignificar não somente a força e a superação na busca por medalhas, mas também por respeito.

Importante notar que esse movimento ganha força não apenas no Brasil como em todo o mundo. Por exemplo, a Agenda 2030<sup>7</sup>, da ONU Mulheres, lançou a iniciativa global “Por um planeta 50-50 em 2030: um passo decisivo pela igualdade de gênero”. Compromisso firmado por mais de 90 países e que visa fomentar a equidade entre os gêneros nos mais diversos ambientes.

De fato, as mulheres vêm assumindo espaços antes predominantemente masculinos nas mais diversas áreas. Esse cenário impõe o desafio da elaboração de políticas públicas voltadas à igualdade de gênero que sejam adequadas a partir da percepção de necessidade das próprias mulheres.

---

<sup>7</sup> UN WOMEN (2007) Women2000 and Beyond: Women, gender equality and sport  
<https://www.unwomen.org/en/digital-library/publications/2007/12/women2000-and-beyond-women-gender-equality-and-sport>

## Análise dos resultados

### Atletas começam a se sentir representadas

A partir das entrevistas, é possível constatar que, mesmo diante dos desafios, as atletas afirmam ter havido avanços na história da mulher no esporte. Marcos recentes são as transmissões televisivas de campeonatos como a Copa Mundial Feminina de Futebol 2019 e a projeção de figuras públicas que valorizam o esporte feminino.

No ano de 2019, a Copa Mundial Feminina de Futebol da França foi transmitida nacionalmente por redes de televisão. Segundo as atletas, tal fato proporcionou destaque a figuras como a jogadora brasileira Marta, que ganhou voz e deu identidade ao esporte feminino.

Yane Marques, dirigente que assumiu a presidência da Comissão de Atletas do Comitê Olímpico Brasileiro (COB) em 2019 e Joana Maranhão, atleta engajada no combate ao assédio, também foram citadas como fundamentais no fomento ao debate sobre equidade de gênero.

A Senadora Leila Barros também é mencionada como referência no debate de respeito ao esporte e na defesa das mulheres, como atletas afirmam a seguir:

*“Leila e Yane estão cumprindo um papel decisivo para a mulher. Estão começando a participar”. (Atleta, Taekwondo)*

*“Eu acho que as mulheres hoje estão ocupando mais espaço. Uma minoria feminina lutou muito e conseguiu”. (Atleta, Handebol)*

### Da base até o alto rendimento, meninas talentosas ficam sem espaço

As atletas de modalidades olímpicas entrevistadas afirmam ter iniciado a prática de esportes ainda muito jovens, entre os três a oito anos de idade, e que a atividade geralmente tinha uma conotação lúdica. Já as atletas de modalidades paraolímpicas iniciam posteriormente, ao associar o esporte a outros tratamentos de saúde. Em todos os casos, o apoio da família foi considerado essencial para o desenvolvimento profissional da atleta.

*“No começo eu não queria ir treinar, mas minha mãe me perguntou: “quem te carrega?” e assim eu iniciei minha vida no esporte e hoje me dedico muito a isso.” (Atleta, Parabadminton)*

No entanto, é possível observar que já na infância a menina vivencia suas primeiras experiências de desigualdade diante da prática do esporte, mesmo que não compreenda naquele período. À medida que almeja uma possível projeção no alto rendimento e amadurece em relação à atuação no esporte, passa a ponderar as diferentes exigências que ocorrem entre meninos e meninas.

A percepção é de que as mulheres são menos incentivadas a ingressar no esporte de alto rendimento. Segundo as entrevistadas, as próprias famílias, de modo geral, recuam no apoio às atletas quando elas estão prestes a entrar em categorias de alto rendimento. Enquanto os homens seriam beneficiados por uma cultura de amplo incentivo ao esporte.

A associação cultural do esporte como um ambiente predominantemente masculino exige que as mulheres se “enquadrem” dentro de uma perspectiva criada para o sexo oposto.

*“Os homens sofrem menos exigências sociais do que as mulheres. As mulheres são mais cobradas... Eu não tive dificuldade de me tornar atleta, ser atleta era meu objetivo.” (Atleta, Tênis)*

Nesse contexto, outro desafio é a preocupação em relação à erotização do corpo. Segundo as atletas, o corpo é um instrumento para o exercício do esporte. Apesar disso, são julgadas pela leveza das roupas e movimentos. Relatam situações em que foram alvo de comentários pejorativos/invasivos, até mesmo por parte de outros atletas.

A desigualdade também se expressa pela falta de incentivo na conciliação do esporte com os estudos e pela insegurança financeira, que são alguns dos fatores que explicam o grande número de desistências das atletas femininas.

## O impacto de ser mulher no desenvolvimento da carreira

De acordo com as entrevistadas, a mulher ainda é considerada mais frágil e com menor potencial em termos de desempenho do que os atletas masculinos. Por consequência, elas são menos valorizadas.



*“O menino é mais incentivado ao esporte. O menino ganha bola. A menina ganha fogão. O menino pode ser moleque, a menina não... poucas meninas podem praticar esportes masculinos, e isso, em si, já gera uma diferença.”* (Atleta, Luta)

Os temas correlacionados à mulher também se tornam tabus pela falta de informação e debate no ambiente esportivo. São grandes os desafios que as atletas enfrentam em relação a:

- Casamento e gravidez

As atletas percebem uma grande cobrança por parte da equipe, e do próprio meio esportivo, para que elas não engravidem e retardem o casamento.

*“Eu percebo que há uma cobrança muito grande sobre as mulheres que desejam casar e ter filhos. O homem pode casar, ter filho e isso não inviabiliza o esporte.”* (Atleta, Nado Sincronizado)

Quando ocorre a gravidez, as entrevistadas relatam que, conforme as regras atuais, a interrupção dos treinos acarreta a descontinuidade da Bolsa Atleta, o que deixa as mulheres desamparadas e contribui para que elas muitas vezes desistam da carreira desportiva.

*“Se engravidar, não pode lutar... Precisa se dedicar ao filho. O governo precisa incentivar essa atleta que se torna mãe, não desviar do caminho”.* (Atleta, Boxe)

*“Para mulher é muito difícil. Fiquei de fora da última olimpíada devido ao meu filho, foi quando ele nasceu. Mas três meses depois dele nascer tive que ir fazer prova para garantir que eu não perdesse a bolsa... Fui denunciada por não ter competido quando eu estava grávida... Perdi a bolsa por quatro meses... Com 25 dias depois da cesárea tive que provar que tinha condições de competir... Eu precisava participar para mostrar, mas não poderia, pois estava com pouco tempo de cesárea”.* (Atleta, Taekwondo)

A falta de profissionais ligados a esportes de alto rendimento com conhecimento aprofundado sobre o corpo feminino fortalece estigmas prejudiciais às atletas, relacionados à menarca, relações sexuais e saúde feminina em geral.

*“No Brasil só conheço uma ginecologista, que faz orientações voltadas especificamente para atletas. Ela trabalha sobre como pode ser o*

*planejamento, qual o tipo de treinamento adequado. Isso existe no Canadá e na Suécia”. (Atleta, Luta)*

- Falta de reconhecimento da atleta enquanto profissional

A modalidade feminina de esportes predominantemente masculinos, como futebol, é nitidamente menos valorizada, tanto em termos financeiros, quanto em relação ao reconhecimento por parte do clube, da equipe técnica e mesmo do público.

*“Os times masculinos recebem entre cinquenta e sessenta por cento a mais do que mulheres”. (Atleta, Handebol)*

*“Homens ganham mais”. (Atleta, Luta)*

As diferenças na infraestrutura ou condição de treino entre a equipe masculina e a feminina são circunstâncias que exemplificam a desigualdade. Em alguns casos, o time ou atletas precisam “brigar” por espaços físicos para realizar os treinos, mesmo que o clube disponha de infraestrutura adequada. Ainda nessa questão dos clubes/times, os critérios para a realização de “cortes” de recursos na equipe precisam ser mais claros, segundo uma boa parte das atletas entrevistadas.

*“Muitas vezes, precisamos brigar com o clube para ter espaço na piscina para treinar. Às vezes não temos. Muitas vezes o clube não apoia em nada o nado, nem financeiramente, nem nos dá parabéns. Falta reconhecimento”. (Atleta, Nado Sincronizado)*

Além disso, não há reconhecimento integral da profissão de atleta. As entrevistadas relatam não contar com os mesmos benefícios sociais garantidos aos trabalhadores em geral, o que gera insegurança em situações de doença ou gravidez. Também nesse contexto, as atletas se sentem desamparadas:

*“Acho que há uma discriminação. O esporte não é uma profissão reconhecida. Não se prova nada. Só quem tem alto nível consegue sobreviver. A sociedade não nos acha profissional. Chamam meu esporte de hobby. Me perguntam: -Você é atleta? Mas faz o quê?” (Atleta, Taekwondo)*

*“É muito difícil chegar ao pódio. São três ou quatro anos para chegar e receber bolsa atleta”.(Atleta, Taekwondo)*

- Discriminação sexual com mulheres que praticam esportes considerados masculinos

Esportes como futebol, handebol ou os associados à luta são historicamente masculinos e, à medida que as mulheres ocupam espaço, com frequência sofrem com tentativa de desqualificação da sua participação na modalidade.

As atletas observam que, mesmo com títulos e medalhas, ficam sujeitas a comentários em relação à masculinização do corpo e até mesmo à orientação sexual. Elas relatam ser taxadas como “homossexuais” ou “sapatão”, questões que não se relacionam à qualidade do desempenho da atleta.

- Clubes, equipes e patrocinadores privilegiam times masculinos

É presente na fala das entrevistadas a dificuldade em angariar patrocinadores para o esporte feminino, visto a falta de publicidade dos meios de comunicação e também pela cultura de não valorização da mulher como parte competitiva dos jogos. E quando os patrocínios são destinados aos clubes, muitas afirmam que, internamente, a maior parte do recurso é vinculada aos times masculinos.

*“Os clubes investem mais no masculino em todos os esportes. Há um ou outro que não faz diferença...O dinheiro investido é diferente, seja em patrocínio, seja em salário das jogadoras. Vejo diferença financeira, diferença de salário, diferença de oportunidades... Então termina que as equipe femininas tem menos estrutura do que as masculinas”. (Técnica, vôlei)*

De acordo com as atletas, há a percepção que o corpo feminino é utilizado como objeto. Elas apontam que os uniformes femininos são, em geral, menores que os masculinos, o que impossibilita a divulgação de mais patrocinadores e causa desconforto. No caso do sunquíni, por exemplo, o nome do país fica localizado na parte posterior da peça, fato que segundo as atletas atrai os olhos dos torcedores. Ademais, de forma contraditória, o uso de “adesivos” de publicidade no corpo dos atletas é regrado para ambos os gêneros.

*“As meninas jogam de sunquíni e os meninos de bermuda, pode? Um pode e o outro não pode. Porque? O corpo feminino é usado como objeto.*

*O homem não fica exposto... Isso no vôlei também significa dinheiro, é espaço para o patrocinador". (Técnica, Vôlei)*

- Assédio no meio esportivo

As atletas relatam que situações de assédio moral e sexual são frequentes, porém não se sentem confortáveis em descrever as ocorrências de assédio moral. Afirmam que não há canais seguros para denúncias ou para simplesmente serem ouvidas.

Elas mencionam que as orientações técnicas são frequentemente feitas de maneira grosseira e na frente de outras pessoas.

*"Eu já vi técnicos que acabaram corrigindo uma atleta e a ferindo de forma agressiva, que fere o emocional - " você é uma merda em tudo'. Isso passa do limite.... Já vi muita gente sofrer com isso.... Já vi gente sair por causa disso. E às vezes sai e nem sabe porque saiu". (Atleta, Nado Sincronizado)*

*"Essa parte, é bem complexa, existe sim [...] não só presenciei, como vivenciei. Eu sempre fui na minha, porém, os homens costumam interpretar de outra forma, pelo simples fato de ter uma mulher ali no meio eles acham que podem fazer qualquer coisa, por exemplo, se aproximar sem ter autorização para isso". (Atleta, Parabadminton)*

Vale ressaltar que, quando questionadas acerca dos ambientes e situações mais propícias a ocorrência de assédio, os ginásios ou locais de treinos (mais internos) são apontados como os que exigem maior cautela por parte da atleta. Por serem locais "menos vigiados", são percebidos como mais arriscados.

As atletas apontam também maior vulnerabilidade nas categorias de base. As mais jovens, por inexperiência ou desconhecimento, tendem a esconder ou omitir os fatos. Sentem-se amedrontadas por perder as conquistas ou a vaga/oportunidade obtida ou pretendida.

*"Se a atleta é mais nova, ela se cala. Fica com medo de ser cortada". (Atleta, tiro com arco)*

*“Eu já vi muita gracinha, gente querer passar a mão nas meninas, falar gracinha, chamar de gostosa. Mas a gente vai se acostumando. Os caras falam muito pesado”. (Técnica de Vôlei)*

*“Eu já sofri assédio sexual, pelo treinador. Ele me beijou a força no carro. Muitas meninas param por esse tipo de coisa... Já vi também muita atleta sendo chamada de burra e sair chorando... Eu mesma, antes ficavam me zoando porque eu era gorda e andava torta”. (Atleta, Luta)*

Por outro lado, mesmo que pontualmente, também há relatos de comportamentos inadequados por parte das jovens esportistas, principalmente entre os grupos de base. São situações em que a própria menina assedia um participante da equipe técnica ou outro atleta. Nesse caso, as atletas entendem que deve caber ao líder a responsabilidade por conduzir tal situação de forma adequada.

A partir das entrevistas é possível salientar a necessidade de maior atenção aos ambientes de treinos e entre os atletas das categorias de base. Nessas circunstâncias, a vulnerabilidade parece ser maior. À medida que amadurecem e ocorre reconhecimento pessoal na mídia, as atletas passam a ter maior credibilidade e a se sentir mais protegidas em relação a vivenciar situações de assédio moral ou sexual.

## As mulheres e os cargos de liderança esportiva

*“A mulher precisa ser muito mais forte para enfrentar”. (Técnica de vôlei)*

Um primeiro ponto relevante na temática em questão é a falta de transparência dos critérios para preenchimento de cargos de liderança. Segundo as atletas entrevistadas, as escolhas passam pela ordem política, ou seja, de relacionamento interno da diretoria, e não por critérios previamente definidos.

*“Não tem regra, não tem critério”. (Atleta, Nado Sincronizado)*

*“Os cargos para lideranças de equipe de alto rendimento vão para homens, pois eles podem viajar mais, não têm que criar filhos”. (Atleta, Natação)*

*“Eu acho que no meu esporte falta qualificação técnica para mulheres. Mas isso passa por uma questão de cultura. O esporte é considerado masculino e muitas mulheres não entram, então tem poucas mulheres técnicas”. (Atleta, Taekwondo)*

*“Para você ser técnica, não precisa ser forte, precisa pensar institucionalmente. Mas isso veio de uma ideia militar que tem uma pegada muito masculinizada. O técnico precisa pensar e não ser um modelo de atleta... Há um machismo absurdo na cultura da liderança... Eu acho que o preconceito é do atleta, mas também é da mulher... O machismo é estrutural e está entre as mulheres”. (Técnica, Vôlei)*

*“Acredito que a mulher tem mais credibilidade, são mais empenhadas. Quando assumem cargos de liderança são muito mais rápidas que os homens, mas mesmo assim, em geral só tem espaço para homens.” (Atleta, Parabadminton)*

Além disso, a disponibilidade ou interesse das mulheres em ocupar cargos de gestão é restrita. As atletas têm a percepção de que existe um “preconceito velado”, não explícito, à presença de mulheres nesses ambientes.

*“O trato com as mulheres é diferente. A mulher tem que ser forte para não ceder às pressões masculinas. Sempre se questionam da capacidade da mulher. A mulher precisa se esforçar mais para chegar a ser líder”. (Atleta, Taekwondo)*

## Políticas públicas de apoio e incentivo à mulher atleta

As políticas públicas são reconhecidas como um passo essencial para a construção de uma sociedade que garanta não apenas equidade, como também, respeito. Ocupar espaços é o primeiro passo de um longo caminho de mudança cultural em que a mulher poderá ser vista além dos filtros sociais que rotulam ou estigmatizam o comportamento feminino.

Oportunamente, as atletas entrevistadas com as mais diversas experiências apresentam indicações de políticas públicas que permeiam educação, ressignificação cultural, apoio financeiro,

promoção de acessibilidade, inclusão e, não menos importante, reconhecimento. Os pilares fundamentais elencados são postos em políticas públicas básicas, com a intenção genuína de valorização das histórias de mulheres que lutaram e lutam para ocupar um espaço predominante masculino no esporte.

Ao dar protagonismo às mulheres no esporte, ambiciona-se que cada vez mais meninas se sintam parte desse processo, percebam que esse espaço pode ser ocupado por elas e que não estão sozinhas. E que essa percepção se reflita na ocupação de seu espaço de direito também em outras áreas ainda predominantemente masculinas.

As atletas apontam que a valorização da prática esportiva dentro das escolas é o primeiro passo para o incentivo a jovens talentos, que por vezes desistem antes mesmo de se descobrirem.

Do mesmo modo, a importância de capacitar os professores de educação física que atuam na educação básica para que eles possam ajudar a promover uma cultura de respeito e igualdade de gênero e a apresentar aos futuros atletas uma ressignificação cultural.

A educação e o acesso a informações acerca das fases de desenvolvimento do corpo feminino são pautas essenciais, segundo as atletas. Um dos grandes desafios se encontra no apoio às atletas de base, que pela falta de experiência e conhecimento enfrentam temores em relação à condição de ser mulher. As meninas sofrem ao ouvir crenças de que a mulher, ao ter menarca, teria o rendimento diminuído e os treinos prejudicados. São ideias que geram sofrimento psicológico, como ansiedade, e distúrbios alimentares.

*“Treino desde muito pequena, e sempre ouvia que as meninas quando menstruavam não conseguiam mais competir, e quando aconteceu comigo, chorei desesperadamente ... eu não tinha com quem conversar, sofri muito, um sofrimento que hoje vejo que não precisava ter passado”. (Atleta, Nado Sincronizado)*

Outrossim, incentivar profissionais do gênero feminino das áreas de saúde a se especializarem no ambiente desportivo é apontada como forma de acolher e dar assistência à atleta feminina.

Segundo as entrevistadas, os projetos sociais são ambientes fundamentais para que a política de “igualdade” de gêneros possa ser “plantada” e disseminada. É onde o acesso ao esporte ocorre de forma mais democrática e aproxima a prática à vida de crianças e adolescentes. É, portanto,

imprescindível manter e ampliar projetos sociais de incentivo ao esporte, principalmente nas comunidades mais carentes.

*“Eu vejo as políticas públicas iguais para homens e mulheres. O que faltam são projetos em comunidades”. (Atleta, Nado Sincronizado)*

*“Quando voltamos das Paraolimpíadas trouxemos 3 medalhas, fomos homenageados, porém, foi só um papel. Lima (Peru) ao receber os atletas deram infraestrutura, recurso financeiro e até mesmo colocaram calçamento com acessibilidade nas ruas. Foi um reconhecimento não só pessoal como com mudança social.” (Atleta, Parabadminton)*

Em relação ao assédio moral e sexual, são recorrentes as formas de violências sofridas pelas mulheres no ambiente do esporte. Como sugestão, as atletas apontam que caracterizar e desmistificar os conceitos de assédio moral e sexual a partir de orientações e palestras para os iniciantes no esporte seriam formas de ajudar no processo de mudança cultural.

*“Precisa haver clareza entre o que é uma brincadeira e o que é um assédio moral”. (Atleta, Tiro)*

*“O Comitê Olímpico Brasileiro está dando muita abertura a se falar sobre isso. Eles deram um questionário, deram atenção à todas as mulheres, tinha ginecologista disponível”. (Atleta, Nado Sincronizado)*

*“Eu imagino que é difícil se expor. Mas o COB abriu um espaço para que as mulheres falassem, mas de forma muito confortável”. (Atleta, Nado Sincronizado)*

Igualmente importantes são palestras destinadas a atletas e a equipes técnicas e de gestão para sensibilizar acerca dos temas equidade de gênero e assédio moral e sexual.

*“Ser técnico também é ser educador”. (Atleta, Natação)*



Outro ponto sugerido é criar canais seguros para o acolhimento de denúncias, com garantia de confidencialidade e imparcialidade. Essa estrutura permitiria que mais casos pudessem ser apurados quando se trata de formas de assédio.

*“Eu acho que se deveria falar mais sobre assédio... Mas é na categoria de base que há maior urgência”. (Atleta, Taekwondo)*

*“Primeiro é necessário a pessoa perceber que foi assediada. Depois ela precisa saber com quem pode se abrir. É muito difícil você enxergar quem pode te ajudar. Difícil você reportar”. (Atleta, Nado Sincronizado)*

A questão do apoio financeiro é acrescentada como forma fundamental de incentivo às atletas. Para elas, promover incentivos fiscais para patrocínios, bem como desburocratizar o financiamento de atletas, clubes e times, é essencial na busca por equidade. Assim como viabilizar um processo transparente de informações sobre como os recursos recebidos pelos clubes são distribuídos entre as modalidades masculina e feminina dos esportes.

*“Muitas vezes quem não tem uma cadeira esportiva, terá que comprar sua própria cadeira, e mesmo recebendo bolsa atleta, não dá para custear tudo”. (Atleta, Parabadminton)*

A garantia de que o recurso financeiro não tenha atrasos quando são originados do poder público é decisiva e também um indicativo do comprometimento com o esporte, como relata a atleta:

*“Quando vou participar de uma competição e preciso de ônibus, da passagem mesmo, o governo ajuda, mas nunca sei se vai dar certo e as vezes perco a competição ou minha família tem que me ajudar por que não recebi o dinheiro. ” (Atleta, natação paraolímpica)*

A gravidez é um ponto crucial no debate. Segundo as entrevistadas, a decisão de ter uma gestação e associar a nova condição à rotina de treinos é um desafio que precisa ser planejado. Porém, a gravidez pode ocorrer sem planejamento prévio e é nesta circunstância, em especial, que as atletas alertam para a necessidade de garantia da manutenção do benefício Bolsa Atleta, sob pena de ficarem completamente desassistidas em momento crucial da vida. De forma geral, elas enfatizam a importância de que programas de apoio a atletas gestantes sejam implementados.

*“Em outros países desenvolvidos, a mulher consegue levar os filhos, tem mais atenção. A gravidez não é um impeditivo para o treino. Não vejo, aqui no Brasil, nenhum planejamento ou orientação para essas atletas”. (Atleta, Luta)*

*“Nos Estados Unidos, se você é bom, você terá espaço. Terá valorização, nutricionista e fisioterapeuta... Em Cuba há o exemplo de que a criança pratica esporte desde cedo. Com 12 anos ela escolhe qual esporte quer treinar. Lá, homens e mulheres são tratados de forma semelhante”. (Técnica, Vôlei)*

A carreira de atleta é curta quando comparada a outras profissões. Por isso, as entrevistadas também solicitam apoio no planejamento financeiro, suporte importante em vista da aposentadoria geralmente precoce e consequente necessidade de se recolocar no mercado de trabalho em outra posição.

Promover inclusão, de maneira a garantir acessibilidade e assim estimular a iniciação e o desenvolvimento no paradesporto, foi outro tema pautado pelas atletas. A adequação dos espaços dos clubes e centros de treinamento às necessidades dos atletas de modalidades paraolímpicas viabilizaria maior inclusão de atletas talentosos que, em razão de obstáculos à locomoção, por vezes não estão presentes no ambiente esportivo.

Importante observar, contudo, que garantir a acessibilidade a atletas de modalidades paraolímpicas significa assegurar o bom estado e funcionamento da infraestrutura em todas as etapas da logística da atleta para chegar até clubes e centros de treinamento. O que inclui, por exemplo, a melhoria no sistema de transporte público e calçamento das cidades.

*“A acessibilidade começa na ida para o treino, já pensei diversas vezes em desistir por ter que pegar ônibus todas as vezes que vou treinar. Não tem acessibilidade no transporte público, não tem calçada adequada. O deficiente precisa de muito mais” (Atleta, natação paraolímpica)*

Além disso, é necessário o investimento em materiais e instrumentos que resultem em acessibilidade, como cadeiras de rodas e próteses adequadas para que atletas com deficiência possam se desenvolver no esporte.

Por fim, reconhecimento e respeito são exigidos como reflexo do desejo de se sentirem valorizadas pela dedicação ao esporte. São também identificados por elas como forma de estimular novas meninas no caminho do esporte. Para tal, sugerem realizar ações de divulgação de mulheres atletas, como forma de convidar as meninas brasileiras a ingressar no esporte e mostrar que os espaços de esporte competitivo também pertencem a elas.

*“Tem muita mulher treinando por aí e tem muita mulher com deficiência também, ganhando medalha, mas não as vemos. Precisa ter uma ação de divulgação para convidar mais meninas, para saberem que esses espaços também são delas.” (Atleta, natação paraolímpica)*

A equidade de gênero no esporte brasileiro é vista pelas atletas como um processo ainda em andamento. Nesse contexto, elas acreditam que a atuação do Estado, em todas as esferas governamentais, na formulação de políticas públicas como as sugeridas neste documento pode trazer às mulheres brasileiras espaço e respeito para a prática do esporte. De maneira que a representação feminina do país em Olimpíadas e Paraolimpíadas se torne ainda mais significativa. E que essa participação inspire cada vez mais meninas a ocupar espaços de direito não apenas no esporte, mas em todas as áreas ainda predominantemente masculinas.

## Metodologia da pesquisa

Foram realizadas 22 entrevistas em profundidade, entre 07 de dezembro de 2019 e 05 de março de 2020, com atletas do gênero feminino que atuam em esportes olímpicos e paraolímpicos, desde as categorias de base até as de alto rendimento.

A entrevista em profundidade é uma técnica de pesquisa qualitativa em que o pesquisador realiza perguntas baseadas em roteiro livre ou semiestruturado a um entrevistado. Tem como objetivo

reconhecer detalhes de um tema pouco conhecido. No caso deste estudo, os principais elementos que definem o entendimento das entrevistadas em relação ao tema de equidade de gênero e seus desdobramentos.

O estudo não teve como critério de participação a faixa etária, condição socioeconômica ou distribuição regional pelo país, visto que a atuação das atletas ocorre em determinado período de suas vidas e elas geralmente se concentram em regiões que têm polos de treinamentos reconhecidos.

A pesquisa obedeceu rigorosamente às normas internacionais do Código de Ética ICC/ESOMAR, motivo pelo qual zelou pela integridade, saúde e segurança de todos os entrevistados. Assim sendo, garante o sigilo dos dados e imagens das atletas entrevistadas.

O objetivo da pesquisa foi identificar o contexto que envolve a experiência de vida das atletas, suas concepções a respeito das políticas públicas vigentes e sugestões de novas leis.

A compilação das entrevistas em profundidade aplicadas dá origem ao presente relatório, que tem como missão munir o debate parlamentar e fundamentá-lo no que tange aos discursos das atletas ouvidas. A iniciativa de elaborar o estudo parte do pressuposto de que a construção de políticas públicas deve contar com a participação do público que dela será alvo, como forma de garantir maior eficácia às medidas governamentais.

<b>N amostra</b>	<b>Perfil</b>	<b>Modalidade</b>
1	Atleta	Boxe
2	Técnica	Futebol Masculino
3	Atleta	Handebol
4	Atleta	Luta Olímpica
5	Atleta	Luta Olímpica
6	Atleta	Marcha/Atletismo
7	Atleta	Nado Sincronizado
8	Atleta	Nado Sincronizado
9	Atleta	Natação
10	Atleta	Natação Paraolímpica
11	Atleta	Parabadminton
12	Atleta	Pentatlo Moderno
13	Atleta	Remo
14	Atleta	Tae-kwon-do
15	Atleta	Tae-kwon-do
16	Atleta	Tênis
17	Atleta	Tiro com arco
18	Atleta	Vela
19	Técnica	Vôlei
20	Atleta	Vôlei
21	Técnica	Vôlei de Praia
22	Atleta	Vôlei de praia

## Realização

### Secretaria de Transparência

Elga Mara Teixeira Lopes – Diretora

Laura Efigênia F. E. de Sousa – Coordenadora-Geral

### Instituto de Pesquisa DataSenado

Marcos Ruben de Oliveira – Coordenador / Estatístico

Jazon Torres de Sousa

Juliana dos Santos Costa

### Observatório da Mulher contra a Violência

Henrique Marques Ribeiro – Coordenador

Isabela de Souza Lima Campos

Milene Harumi Tomoike

### Responsável Técnico pela Análise

Milene Harumi Tomoike